A NOVELA VERMELHA

N.º 9

O mestre geral

POR

JESUS PEIXOTO

LISBOA — JANEIRO DE 1922

Secção Editorial de A BATALHA

Slhi

O MESTRE GERAL

POR

Jesus Peixoto

A Novela Vermelha n.º 9

Slhj

O mestre geral

I

— Então que queres tu, rapaz? — preguntou o mestre a Julião, que o interpelára sôbre as causas do seu despedimento da fábrica.

— Quero saber as razões porque fui posto na rua — replicou Julião sêcamente.

— Não t'as disse já? Não tomas emenda...

— As suas razões não me convencem, mestre Francisco — tornou o operário. Faltas bem mais graves que aquelas que me atribui teem outros operários cometido e por elas o mestre não os despediu.

— Tu não tens nada com aquilo que eu faço — replicou o mestre irritado; se te julgas lesado vai queixar-te ao patrão.

— Aí vem você com o patrão! Eu ia lá incomodá-lo por um caso para o qual êle não meteu prego nem estôpa! E' consigo, só consigo que eu me quero entender, mais nada!

— Pois estamos entendidos.

E soltando a frase o mestre dispunha-se a retirar-se, voltando as costas ao queixoso; porém Julião, pousando-lhe a mão no ombro obrigou-o a voltar-se novamente, como um boneco que à pressão da mola se move no seu aparelho giratório.

Um clarão de ódio e de indignação reprimidos perturbou a fisionomia risonha do mestre geral; mas reconhecendo a sua impotência ante a cólera do operário preguntou com frieza:

— Que me queres mais?

— Quero que me ouça até ao fim, mestre Francisco. E depois quero uma resposta que me agrade.

— Eu sei lá o que te pode agradar! — disse o mestre enfastiado. E depois, ¿que mais tem o trabalhares aqui ou noutra fábrica?

Shi

— Ora é isso que nós precisamos discutir. Já disse que me é indiferente servir um patrão ou outro; porque não é por esmola que êles me dão a féria...

— Lá isso é verdade — ajuntou o mestre, tentando espicaçar a vaidade profissional do antagonista. Tu és um bom serralheiro e é por isso que o trabalho não te faltará.

— Bem sei — disse Julião. Mas o mestre compreende os motivos porque tenho interêsse em trabalhar aqui.

— Sim... compreendo... — monosilabou Francisco. ¿Mas que queres tu que eu te faça agora?

— E' simples. Que dê o dito por não dito — propôs Julião.

— Isso não pode ser — declarou o mestre agitando os braços em exteriorizações de franqueza e afabilidade. Isso não pode ser! Há uns tempos que vens abusando de mim, a modos que a fazer pouco.

— Isso não é verdade, mestre Francisco. Bem sabe que sou incapaz de fazer pouco de alguém.

— Fazes pouco de mim! — repetiu o mestre, alterado.

— Não é verdade. E como tenho a certeza de que o mestre há de reconsiderar, segunda-feira hei de apresentar-me para iniciar a semana. Boa tarde!

E Julião afastou-se, deixando o mestre perplexo, incapaz de articular uma palavra. A rua quási deserta tinha o ar desolado das aleas de um parque à hora do crepúsculo. Ouvia-se o ruído dos eléctricos e o som das sereias dos *autos* em corridas vertiginosas. Caía a noite, e no céu, manchando o azul puríssimo, apareciam fulgurações escarlates, últimos lampejos do sol que mergulhava na curva misteriosa do oceano.

II

Tendo enviuvado, mestre Francisco amenisava a solidão do seu estado com fáceis conquistas, feitas de preferência entre as tecedeiras da fábrica. Incapaz de conseguir pelo seu único esfôrço os seus intentos, o mestre era auxiliado nêstes lances por uma antiga operária, mulher anafada e desenvolta, a quem conheciam por *Pata Choca* e que punha ao serviço do mestre todo o seu poder de persuasão para vencer a relutância das raparigas que êle cubiçava. E assim conseguiu Francisco cevar os seus instintos de macho na carne pura, no corpo palpitante de

Slhj

algumas fabricantes que lhe provocavam desejos ignóbeis de sádico.

Mestre Francisco era homem de cincoenta anos bem conservados. Em tempos fôra um revoltado contra as leis e contra opressões e injustiças. Falára em assembléas operárias e apostrofando contra os patrões fazia-se paladino de um sistema social mais perfeito, mais equitativo. De palavra fácil, chegára por vezes a arrebatar o auditório, que seguiria o orador para onde êle o arrastasse. Felizmente que as ambições do tribuno eram limitadas e as suas abjurgatórias jámais lhe trouxeram dissabores antes lhe proporcionaram frutos.

Estes apareceram com a morte do velho mestre da fábrica, homem que, pela sua bondade, pela indulgência da sua alma, deixára entre os operários uma recordação saùdosíssima. Esteve o lugar algum tempo vago à espera que para o preencher aparecesse um homem que reünisse as qualidades necessárias. Houve pedidos, moveram-se influências a favor de várias pessoas, até que um dia, ante a surpreza geral, foi nomeado Francisco.

Desde essa época operou-se profunda transformação no carácter do antigo operário. De altivo, tornou-se dócil, maleável como um junco e se manifestava hostilidade contra alguém, era contra os seus antigos camaradas. As virtudes que tornava querida a memória do seu antecessor não as possuia o novo mestre. Para Francisco não havia justiça, não existia razão; era como certos cães a quem os donos encarregam da guarda de uma propriedade e que se esforçam por cumprir a ordem a trôco de carícias.

O patrão, que também era o gerente da fábrica, fôra educado na Inglaterra de onde trouxera com os seus conhecimentos técnicos um doloroso *splen*, uma neurastenia mortificante, que o tornava taciturno e o forçava a viver isolado como um animal tímido. Tratava os assuntos da fábrica com o mestre geral e era ainda êle que servia de ligação no abismo que a doença cavára entre o seu pessoal.

Assim, mestre Francisco tinha o pulso livre para resolver ràpidamente as questões que surgissem entre as duas partes antagónicas; mas para agradar ao patrão sempre opunha resistência à satisfação das reclamações operárias.

Slhj

III

A fábrica era em Santo Amaro e nela trabalhava desde criança uma rapariga chamada Rosa, filha dum velho operário. Nunca nome asssentára tam bem a uma mulher, porque esta, pela candura mística do seu rosto colorido e pela harmonia suave do seu corpo escultural, era como a personificação da beleza.

De estatura mediana, coroava-lhe a cabeça uma forte cabeleira negra e ondeada que ela acondicionava num penteado singelo mas gracioso.

Tinha o peito desenvolvido, erecto, e sob a pressão doce do corpete formava o contôrno elegante de um altar do qual os seus olhos pretos de um brilho aguado eram as imagens a quem se rendia culto. Os lábios finos abriam-se por vezes em sorrisos candidos mostrando duas fieiras de dentes miudinhos encrustados no coral vivíssimo da sua boca. Bem calçada, tinha o andar leve e magestoso das rainhas, traçando o chale com um donaire impressionante.

Foi tentado por tam grande formosura que Julião um dia se lhe declarou. E qual não foi o pasmo dos companheiros quando viram o acolhimento afectuoso que Rosa lhe dispensára! Essa pobre gente não podia conceber que mulher tam linda — verdadeira pérola perdida no formigueiro humano que era o operariado do bairro — fôsse unir-se a um operário. O pai de Rosa, o velho Daniel deu o seu consentimento à ligação que se preparava.

E o idílio seguia o seu curso com a serenidade das almas que se compreendem nas mesmas aspirações, esperando só o momento supremo de se fundirem numa só alma. Julião, ânimo exaltado, espírito ansioso, acalmava junto da noiva que o envolvia no doce enleamento do seu olhar inquieto.

E ela, para quem a vida fôra parca em satisfações íntimas, sentia junto do noivo sensações perturbantes de ventura, sentia-se impregnada de um fulcro animador que fazia vibrar a sua alma candida em divagações entusiásticas. Contemplando-os de longe, Daniel elaborava projectos de uma velhice feliz junto dos netos risonhos como auroras.

Slhj

IV

A tranqüilidade em que decorria a existência de Rosa foi um dia perturbada.

Na hora do trabalho, quando o delírio fabril atingia o maior grau, aproximou-se dela a *Pata Choca* e, misteriosamente, entre sorrisos e blandicias de proxeneta, disse-lhe:

— Menina Rosa, queria-lhe uma palavrinha.

— Estou às suas ordens — declarou Rosa travando o veio do tear, que logo cessou a laboração.

A megéra lançou em volta um olhar desconfiado a certificar-se de que mais ninguém a ouvia.

— Sabe? há uma pessoa que gosta muito da menina...

— Uma só?... — preguntou Rosa num acento de ironia.

— Sim... deve haver mais — disse a velha desconcertada pela atitude da tecedeira; mas eu sei de alguém que se a menina quizesse...

— E quem é essa pessoa? — preguntou Rosa entre curiosa e indignada.

A velha relanceou novamente o olhar prescrutador e declarou depois, ciciando a frase aos ouvidos da rapariga:

— E' o mestre Francisco.

O rosto de Rosa contraíu-se à revelação da velha numa expressão de assombro e de indignação. Olhou-a com repugnância e sentiu ansias de a agredir, porém, para evitar o escândalo, limitou-se a voltar-lhe as costas agressivamente. A *Pata Choca* ficou à espera de uma resposta que a satisfizesse. Cansada de esperar, foi-se escoando lentamente como uma lesma viscosa, olhando para um e outro lado a disfarçar o desaire.

O ruído da fábrica na sua laboração intensa assemelhava-se ao rumor de uma multidão amotinada. Os dinamos, poderosos como senhores feudais, impulsionavam os volantes de cujas rodagens partiam correias que se ligavam às rodagens dos teares e às máquinas da serralharia, fazendo mover uns e outras no matraquear convulso da sua faina. E essas fôrças entrechocando-se desfaziam-se em tramas e tecidos ou em peças de aço polidas e graciosas.

Rosa quedou-se, pensativa. A' sua mente acudiam agora

factos a que não ligara importância, mas que se relacionavam com a revelação pérfida.

Compreendia agora o alcance misterioso das amabilidades do mestre sempre que se lhe dirigia; as graçolas e ternuras com que a minoseava tinham um objectivo repugnante. Levou as mãos à testa e debruçou-se sôbre o tecido, cerrando os olhos para coordenar melhor os pensamentos.

Furtou-a a es a concentração mental uma palmadinha nas costas. Voltou-se num sobressalto, e viu a seu lado a megera, que lhe sorria com afabilidade. Um calafrio percorreu o corpo excitado da operária; teve um impulso de cólera prestes a explodir numa agressão. Conteve-se, porém, olhando a velha com um olhar chamejante, afrontoso.

—¿Então que responde àquilo que eu lhe disse?

—Nada tenho que responder! E previno de que nunca mais me fale em tais assuntos, senão temos o caldo entornado!

—Não é preciso zangar-se—declarou a velha com doçura.

—Você não sabe que falo com o Julião?! Que foi que a levou a imaginar que eu poderia dar ouvidos a outro homem?!

A velha justificou-se:

—Para falar a verdade, a menina tem razão; mas como foi o mestre Francisco quem me falou...

—Pois nem mais uma palavra sôbre o assunto, ouviu?! —ordenou Rosa imperiosamente.

—Está bem—respondeu a *Pata Choca* em mesuras;—não se fala mais nisto. Mas sempre lhe direi que se trocasse o Julião pelo mestre Francisco não fazia asneira nenhuma.

Rosa não pôde conter-se mais; segurando a velha por um braço, afastou-a com violência, dizendo indignada:

—Saia da minha vista! Desapareça-me, velha alcoviteira!

E largando a classificação ofensiva, a tecedeira olhava com repugnância o vulto da megera, que se escoava por entre os fardos empilhados no armazem.

As palavras indignadas da rapariga quebraram a indiferença das companheiras mais próximas, que pararam o movimento dos teares e se aproximaram dela a inteirar-se das causas da sua alteração.

Rosa, porém, não explicou os factos, dizendo ter sido a scena motivada em intrigas banais. E para demonstrar

Slhi

a veracidade do que afirmava, retomou, à custa de um esfôrço hercúleo, a sua habitual serenidade. Rosa e as companheiras puseram os teares em movimento e a fábrica continuou ruidosamente a sua laboração, como se coisa alguma a tivesse interrompido.

V

Como prometera, Julião apresentou-se para trabalhar Muito antes do primeiro sinal já as imediações da fábrica ofereciam a animação característica dos grandes aglomerados operários. Mulheres conversavam em grupos buliçosos; noutros grupos há gargalhadas provocadas por um dito de espírito ou pelo todo de algum companheiro. Em cenáculos ambulantes homens discutem sôbre as banalidades que os emocionam. É um rumorejar constante de pessoas que saem dum grupo para irem fazer parte de outro, umas pesarosas e inquietas, alegres e satisfeitas outras, todas vivendo uma agitação intensa.

Aparece Julião acompanhando Rosa. Êle traz o semblante calmo das almas tranqüilas; ela traz o rosto contraído num ritus de amargura e ansiedade. Daniel acompanha-os a distância, serêno e bem disposto. A presença de Julião provoca comentários. Ouve-se o primeiro sinal da fábrica; é um silvo longo e dolorido como o gemido de um estentor ferido mortalmente.

A essa advertência os operários aproximam-se da entrada. Alguns entram para o pátio; outros mais retardatários aproximam-se, rubros, esbofados. Daniel entrou seguido pela filha e por Julião. O porteiro pôs-se diante do rapaz e disse-lhe:

—Tu não podes entrar.

—Porquê?

—Isso é que eu não sei. Limito-me a cumprir a ordem que recebi.

—O mestre já entrou?—preguntou Julião.

—Ao tempo...—respondeu vagamente o pórteiro.

—É que se ainda estivesse cá fora, entrava e tornava a entrar.

—Mas não te rales, que eu e aqui o *Passa-fome* vamos ter com o patrão—disse um operário gordo a quem alcunharam de *Balofo*.

—Não se incomodem—pediu Julião, sensibilisado.

—A gente bem sabe que é uma canalhice do mestre; por isso estamos ao teu lado—declarou o *Passa-fome*.

—A bem ou a mal, entrarei ao meio-dia—declarou Julião.

—Não vás fazer disparates—aconselhou o *Balofo*.—Nós cá nos entenderemos com o patrão.

Dado o segundo sinal, o portão fechou-se com estrondo. A fábrica tomava agora no espírito de Julião o aspecto dum presídio e os operários eram como condenados que estivessem cumprindo uma sentença. Subiu a calçada lentamente, maquinalmente. Entrou na Tapada; aos primeiros passos dados no jardim invadiu-o uma sensação de alívio, uma calma suavíssima que lhe retemperava o espírito atormentado. Sentou-se num banco, tentando pensar no seu caso; o chilrear festivo dos passarinhos quebrou-lhe o fio dos pensamentos. Irresistìvelmente ergueu os olhos para a folhagem densa onde êles se empoleiravam. Um ou outro mais temerário descia a debicar na terra mole, perto de Julião, como a provocá-lo. O operário tentou atraí-los mais, fazendo menção de lhes atirar migalhas; e êles, muito assustados, ergueram o vôo, embrenhando-se na ramaria.

Continuou então a sinfonia alegre da passarada; mais distante um melro assobiava indiferente, como um cantor lírico que eleva a sua voz por sôbre a vozearia dos coros e da orquestra. Caminhando pela estrada fora, reparou nas leivas onde os agrónomos realizavam experiências de cultura.

Agora estendia-se na sua frente um campo de trigo. Um vento brando agitava-o e o campo verde tomava o aspecto dum oceano revolto. Deante dos seus olhos aparecia, dominando os socalcos da colina e as habitações humildes, a massa arquitectónica do palácio real. Esse conjunto afigurava-se ao espírito de Julião como um exemplo da desigualdade social — tam frisante era o contraste dos edifícios. Desviou os olhos; ao fundo vía-se a casaria pobre do Rio Sêco dominada pelos solares da Junqueira. E o morro disforme da outra banda assemelhava-se a um animal apocalíptico dessedentando-se. Descobrindo na paisagem aspectos ignorados, Julião mal pensava já nos motivos que o levaram a percorrer esse recinto. Andando ao acaso, embrenhou-se novamente no arvoredo e depois apareceu-lhe um jardim bem cuidado. Sentou-se, entregando-se aos seus pensamentos.

A calma serenidade da Natureza, como fulcro suavis-

Slhi

simo, invadira a alma do operário. Desfizeram-se no seu cérebro as ideias de vingança. Achava natural que o mestre lhe dispensasse os serviços; iria procurar outra oficina, resignando-se a viver afastado de Rosa, para quem iam os seus pensamentos.

Na solidão perfumada do jardim elaborava projectos risonhos para o futuro. Arrependia-se de ter manifestado ao mestre desejos de continuar na fábrica, perdendo assim parte da independência que o operário deve ter. E assim ficou largo tempo, como que alheio à vida exterior, indiferente ao chilrear festivo dos pássaros inquietos e saltitantes que o desafiavam, que lhe perturbávam os raciocínios.

VI

Não dera resultado a *demarche* junto do patrão. O homem mostrou desejos de satisfazer os comissionados, mas, ouvindo as razões que mestre Francisco aduziu, não quis contrariar as resoluções tomadas. Desanimados, os operários voltaram para os seus lugares, retomando tranqüilamente o trabalho, emquanto o mestre geral festejava íntimamente o triunfo sôbre Julião.

Que êsse triunfo não era completo dizia-lho a perturbação que lhe provocava a presença de Rosa, que o olhava com repugnância. Mas Francisco, roído pelo ciúme, obcecado pelo desejo a custo disfarçado, resolveu dar o golpe decisivo para a realização dos seus fins.

Êsse ensejo chegou uma tarde em que Rosa se encontrava no armazem do fio. O mestre, que a espreitava, entrou, fechando a porta. Ela teve um estremecimento ao ver o gesto de Francisco e ordenou:

—Abra essa porta!

—Não; precisamos falar—respondeu o mestre.

—Abra, senão grito!—insistiu a rapariga, afastando-se de Francisco, que se aproximava dela.

—Ouve!... vem cá—suplicou o mestre docemente.

O ruído era intenso, confuso. O *tric-trac* dos teares, aliado às rodagens dos maquinismos e ao martelar intermitente da serralharia, assemelhava-se ao ressoar duma filarmónica desafinada. Fiado nesse ruído, mestre Francisco não atendeu as súplicas da tecedeira, antes a perseguia com mais entusiasmo num desvariamento de aluci-

Slhi

nado. A casa era ampla, mas atravancada por fardos enormes de fio e pita; o espaço livre era exíguo. Os gritos de Rosa perdiam-se no ruído intenso dos motores que impulsionavam essa floresta de maquinismos que pareciam desfazer-se no seu entrechocar vertiginoso.

Com uma agilidade de fera enraivecida, mestre Francisco conseguiu alcançar o corpo de Rosa e subjugá-la nos seus braços musculosos. Ela debatia-se agora desesperadamente, furiosamente, contra a lubricidade do mestre, fazendo esforços sobrehumanos para se libertar dessa pressão odiosa. Êle suplicava, implorava, tentava beijá-la, procurando o seu rosto com avidez; mas Rosa, soltando impropérios, frases insultuosas, fugia ao contacto dessa bôca repelente. E maldizia o ruído que impedia que se ouvissem os seus gritos aflitivos, emquanto o mestre, esforçando-se com desespêro para conseguir os seus intentos, soltava palavras desencontradas de paixão e de raiva.

Interrompeu essa luta ingente umas pancadas na porta e o vozear próximo. Francisco largou a rapariga, que o agrediu, e foi abrir. No limiar apareceu a figura do escriturário acompanhado por descarregadores. O empregado olhou surpreendido a figura abatida do mestre geral e o vulto em desalinho da tecedeira, que, ofegante, vibrava em grande indignação. Ao sair, ante a estupefacção geral, descarregou uma bofetada no rosto pálido do mestre, dizendo em ameaça:

—Esta acção há de sair-lhe cara, seu canalha!

VII

Quando nessa noite Julião entrou em casa de Daniel, notou que o pai e a filha estavam tristes, tinham o ar compungido de quem está dominado por grande dôr. Aproximando-se da noiva, notou-lhe nos olhos doloridos vestígios de lágrimas. Quis saber tudo o serralheiro, e não houve remédio senão contar-lhe a verdade. Ao ouvir a narrativa minuciosa da operária, Julião tremia de indignação e de ira reprimida, ira igual àquela que lançara Daniel contra o mestre, a quem nesse momento valeu a intervenção de alguns operários, que imobilisaram o velho pai, mas ouviu até final todos os pormenores e saíu dizendo:

Slhi

—Deixem estar que êle não torna a repetir a façanha!...

Desvairado, louco, Julião procurou depois o mestre por quantas tabernas e botequins havia no bairro, com a idea fixa de se desafrontar. Não o encontrou, porém, mas resolveu esperá-lo na manhã seguinte, ao sair de casa.

A mesma idea teve Daniel, a quem a indignação roubara o sono. Logo ao romper d'alva levantou-se e saíu, depois de beijar a filha. Próximo do prédio onde habitava o mestre avistou Julião. Ao vê-lo, o rapaz pediu-lhe que voltasse para casa, a sossegar a filha. Daniel recusou-se. Julião insistiu no seu pedido; o velho recusou-se ainda com mais vigor.

Pôs termo à discussão a presença de Francisco, que dobrava uma esquina. Vendo que Julião se aproximava, o mestre geral tirou um revólver da algibeira. O serralheiro, porém, não lhe deu tempo a fazer uso da arma: deitando-lhe as mãos ao pescoço, enterrou os dedos convulsos até cravá-los bem na carne. Francisco estrebuchava aflitivamente sob a acção dêsses dedos que, como garras, o aniquilavam, deixando-se por fim cair inanimado no chão.

—Vai-te embora. Tu és novo; precisas de liberdade—disse Daniel a Julião, que olhava o cadáver com repugnância.—Direi que fui eu.

—Não; isso nunca.

—Vai; já disse—tornou Daniel imperiosamente.—Olha pela Rosa.

—Não quero que responda pelo meu crime—declarou Julião emocionado.

—O crime é de ambos, porque também me desafrontou. Recomendo-te, minha filha; o resto é comigo.

Juntou-se gente; e Daniel, como a justificar-se, declarou:

—Quis abusar da minha filha... perdi a cabeça... e matei-o como quem mata um cão!

FIM

A aparecer em Fevereiro

A Novela Vermelha

N.º 10 —

Dôr victoriosa

POR

JULIÃO QUINTINHA

Colaboradores:

Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Bento Faria, Mário Domingues, Pinto Quartin, Sobral de Campos, Cristiano Lima, Perfeito de Carvalho, Augusto Machado, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia.

Preço, $25 ctvs.

Pedidos à Secção Editorial
d'A BATALHA
Calçada do Combro 38-A. 2.º

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 10 - Dôr vitoriosa

POR

JULIÃO QUINTINHA

PUBLICADO:

N.º 1 A Expiação *por Manuel Ribeiro.*
N.º 2 Sangue Fidalgo *por Nogueira de Brito.*
N.º 3 Hugo, o pintor *por Mário Domingues.*
N.º 4 Dois Tiros *por Sobral de Campos.*
N.º 5 Impossivel redenção *por A. Machado.*
N.º 6 A Escola Nun'Alvares *por Cristiano Lima.*
N.º 7 Anastácio José *por Mário Domingues.*
N.º 8 A Sciência redentora *por José Benedy.*
N.º 9 O mestre geral *por Jesus Peixoto.*

Colaboradores: Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

PREÇO: $25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2$50

Slhj